

Entrevista com Cesar Guimarães

25 de julho de 2012, no Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil. Cesar Augusto Coelho Guimarães é bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1963), possui mestrado em Ciência Política pela University of California (1969) e Notório Saber - doutorado em Ciência Política pela Universidade Candido Mendes (2002). Trabalhou no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) de 1969 a 2010, tendo desenvolvido diversas atividades acadêmicas (ensino e pesquisa), e trabalhou também no Departamento de História da PUC-Rio de 1988 a 1996, onde coordenou um laboratório de Teoria e Historiografia. Desde julho de 2010 é professor/pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP/UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Áreas de interesse: Teoria Política, História das Ideias Políticas, Análise de Conjuntura, Democracia, Nacionalismos, Política Externa. Seus artigos mais recentes versam sobre a Política Externa dos Estados Unidos da América nos governos Clinton e Bush. Entrevistadores: Eduardo Raposo, Luis Jorge Werneck Vianna, Ricardo Ismael e Clara Lugão.

Ricardo Ismael – Essa entrevista integra um conjunto de depoimentos que estão sendo publicados na revista “Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio”, cuja preocupação principal é apresentar aos nossos leitores alguns nomes que contribuíram para a institucionalização das Ciências Sociais no estado do Rio de Janeiro e no Brasil. Nesse sentido, queremos ouvi-lo sobre seus anos de formação, sua trajetória acadêmica, sua singular e marcante passagem pelo IUPERJ que funcionou até meados de 2010 e, se houver tempo, falar de suas atuais atividades de ensino e pesquisa no IESP/UERJ.

Werneck Vianna – É um prazer para todos nós ter você aqui, na sala de aula do nosso Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio.

Cesar Guimarães – Obrigado.

Werneck Vianna – Eu segmentei as minhas perguntas para você em alguns blocos. Mas apenas porque me parece serem coisas importantes para o leitor, em particular para o jovem leitor. Anos de formação? Onde estudou? Algum professor marcante? Livros de referência lá na sua primeira vida? Romance? Como eu entenderia que esse seria um primeiro segmento, falemos então dos anos de formação.

Eduardo Raposo – Cesar, antes de você começar, eu queria registrar nosso prazer de estar aqui recebendo você, professor de diversas gerações de cientistas sociais, e de vários professores aqui do Departamento de Ciências Sociais, que tiveram o privilégio de terem sido seu aluno.

Eduardo Raposo – Uma exigência inicial que nós fazemos aqui.

Werneck Vianna – Você não vai contar a data de nascimento, vai?

Cesar Guimarães – 1939. Setembro. A guerra começou. Agora, anos de formação? Acho melhor começar falando de graduação. Eu não fiz Ciências Sociais.

Werneck Vianna – Vamos começar pelo Colégio! Sua localização!

Cesar Guimarães – Colégio? Eu fui aluno do Santo Inácio. Morava em Botafogo, filho da pequena burguesia, de um dono de botequim da Rua da Matriz esquina com a Voluntários da Pátria, onde por longa data se situa hoje o que é o IESP. E foi IUPERJ até recentemente. Uma estranha localização para mim. Por algum motivo esse pequeno burguês português de pouca cultura achou que eu deveria estudar no Santo Inácio. Portanto, eu lá fiz o ginásio e o que chamavam de curso clássico. Fui aluno, portanto dos jesuítas.

Eduardo Raposo – E que Arnaldo Jabor terminou retratando no filme “A Suprema Felicidade”, que foi lançando no circuito em 2010.

Cesar Guimarães – Suprema felicidade. Isso. Eu não sei se foi a suprema felicidade, mas foi uma formação mais ou menos sólida, particularmente aprender a língua portuguesa. Eu não a uso muito, mas de qualquer maneira, eu lá a aprendi. Também tive a oportunidade de utilizar as aulas de matemática para ler Guimarães Rosa, razão pela qual eu não sei somar, ou quase. Depois, fui fazer Direito. E fiz direito no CACO, na Faculdade Nacional de Direito.

Werneck Vianna – Mas quais são os livros de referência da sua adolescência?

Cesar Guimarães – No colégio, Machado, Eça, Graciliano, Pessoa, Bandeira, Drummond, Vinícius e tudo ou quase tudo o que a Editora Globo do Rio Grande do Sul editava. Tudo o que caía nas mãos de um estudante pobre que frequentava a Biblioteca Pública de Botafogo. E por aí Stendhal, Balzac, Flaubert, muita literatura francesa. Meu curso clássico é passado a ler literatura. Eu já tinha a pequena tendência de não levar muito a sério o currículo do colégio, não é? Aí fui para o CACO, as referências literárias persistem e a elas vão se agregar algum Direito e bastante Ciências Sociais de um autodidata. Ao final do colégio, as minhas inclinações católicas, por motivos que me escapam, estavam muito esmaecidas. Eu não tive nenhuma crise religiosa, essa conversa daquela época. Nenhuma crise existencial com isso, estavam esmaecidas simplesmente, e a entrada para a Faculdade Nacional de Direito contribuiu para que se acentuasse a distância; eu não tive nenhum tipo de desligamento da religião, simplesmente perdi o contato com ela. De qualquer maneira, a experiência na Faculdade Nacional de Direito foi importante. Ela começa em 57, creio.

Ricardo Ismael – Você ingressou na Faculdade Nacional de Direito, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1959.

Cesar Guimarães – 1959, é isso? Você sabe mais do que eu porque está aí com esse infalível currículo Lattes, terrível. Começa em 1959 e vai até que ano?

Ricardo Ismael – Leio aqui que foi até 1963.

Cesar Guimarães – É 62 na realidade. A importância da Faculdade Nacional de Direi-

to é grande, mas relativa. A grande importância vem no primeiro ano, quando sou bom aluno. E aí, a presença decisiva é Hermes Lima. De coisas que ele mandava ler, como *A Luta pelo Direito*, a obra de Rudolf von Ihering. O liberalismo combativo, não?

Eduardo Raposo – Tempos democráticos, não é mesmo? Épocas democráticas.

Cesar Guimarães – Tempos de relativas liberdades públicas, particularmente em contraste com o que virá em 64. É uma democracia eleitoral de participação limitada, como se costuma definir, porque mais da metade da população não votava porque era analfabeta. Na faculdade, são tempos de muita agitação. Eu fazia parte de um movimento chamado Reforma, que abrigava desde a esquerda moderada, passando por comunistas, os nacionalistas de várias matizes, os nacionalismos de esquerda são importantes neste período e aí a minha formação. É como se eu tivesse criado uma escola para mim, um autodidatismo cheio de problemas com o que me insiro nas Ciências Sociais. Meu segundo mestre na Faculdade, Evaristo de Moraes Filho, gostava de mim, mas lembrava que o Direito não era exatamente minha vocação...

Eduardo Raposo – Ele acertou.

Cesar Guimarães – Em grande parte sim. Só que eu descobri muito tardiamente que o Direito importa. E muito! Então aí são anos de uma certa militância no movimento estudantil, mas que foi muito peculiar. Lá na Reforma, ou em base de partido, eu tive, digamos, uma passagem muito suave. Mais como simpatizante que como membro ativo do Partido Comunista Brasileiro. Minha militância efetiva foi na imprensa universitária. Um jornal que circulava como suplemento semanal de um diário de grande circulação, o *Diário de Notícias*.

Eduardo Raposo – Qual era o nome do jornal?

Cesar Guimarães – Chamava-se *O Metropolitano*.

Werneck Vianna – Quem estava com você no *Metropolitano*?

Cesar Guimarães – *O Metropolitano* foi iniciativa originária aqui da PUC. Uma mudança na composição da União Metropolitana de Estudantes levou à sua direção uma coalizão muito ampla. Uma coalizão muito ampla que também assumira a UNE, que estava na mão de setores ligados à UDN e inclusive ao Integralismo, nos anos 50. No caso de *O Metropolitano*, o jornal passou a ser dirigido por Paulo Alberto Monteiro de Barros, da PUC, no futuro o famoso Arthur da Távola. Paulo Alberto convidou Cacá Diégues, então também da PUC, para ser o redator-chefe, e Cacá que fora meu colega de colégio me convidou para trabalhar no jornal.

Eduardo Raposo – Cacá Diégues é filho de um ex-diretor daqui, do atual Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, Manoel Diégues Júnior.

Cesar Guimarães – Sim. O saudoso mestre sob cujas ordens eu trabalhei nesta Casa e neste departamento. Mas voltando ao *Metropolitano*, eu fiquei às voltas com ele por três anos, até cheguei a dirigir-lo, depois de Paulo e de Cacá.

Werneck Vianna – Jabor estava lá também?

Cesar Guimarães – Sim, muito ativamente. Faz parte de um grupo muito expressivo de futuros grandes intelectuais. Gente que fará cinema, jornalismo, crítica literária, cinematográfica e de arte, ciências sociais, política. Por isso digo que foi a minha escola.

Ricardo Ismael – Cesar, talvez seja interessante aprofundar sua reflexão sobre os anos de 1950 e início dos 1960, período que antecede o golpe militar de 1964, como sabemos marcado por muita instabilidade política. Em particular, gostaria de saber de que forma os acontecimentos dessa época impactaram o jovem estudante da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ?

Cesar Guimarães – Vão impactar o jovem na Faculdade de Direito levando-o mais para a esquerda. Uma certa esquerda, conformada ou deformada por minhas idiossincrasias.

Ricardo Ismael – Uma esquerda reformista, podemos dizer assim?

Cesar Guimarães – Não é bem isso. Sabe, os significados mudam com o tempo e eu não quero cair em anacronismo, já que estamos conversando em 2012. As experiências daquele então me induziram à esquerda, mas é estranha a maneira como me sinto esquerdista, por conta de minha formação autodidática que não passou pela faculdade ou pelo partido. O primeiro livro de Ciências Sociais que leio é de Mannheim, *Ideologia e Utopia*, na bela tradução de Emílio Willems, editada pela Globo, para variar. Eu li e reli essa edição muitas vezes, era leitura difícil, mas... adquiri uma maneira de relativizar as coisas, de racionalizar minha incapacidade de crença sem dúvidas.

Werneck Vianna – Era um autor de referência para a sua geração, não é mesmo?

Cesar Guimarães – Era, certamente. Depois aprendi que o liam no ISEB, na USP...

Werneck Vianna – No ISEB também?

Cesar Guimarães – No ISEB também. Então, por aí vai minha formação. Marx é periférico, é o Marx, da *Ideologia Alemã* e do *Dezoito Brumário*, não o Marx do *Capital*. A formação incluía a produção do ISEB e muito dos autores ali citados, entre eles Sartre como é óbvio. Eu acompanhava as controvérsias isebianas e por estar em *O Metropolitano* pude me dar ao luxo de fazer com Cacá Diégues e Raul Landim Filho entrevistas de longa duração com praticamente todos os professores daquela Instituição. Em geral em torno do tema do nacionalismo e aí também foram ouvidos outros intelectuais como Mário Pedrosa, Hermes Lima e Alceu Amoroso Lima.

Eduardo Raposo – E trouxe arte abstrata e misturou isso com esquerda. Coisa que nunca tinha sido feita.

Cesar Guimarães – É verdade. A lembrar que este é o momento da publicação do célebre SDJB – Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. A efetiva modernidade artística chega tardiamente ao Brasil em tempos de JK. Em 1962 dirigi a revista *Movimento* da UNE com equipe que contava com Arnaldo Jabor, Marcello Cerqueira e com o brilhante artista gráfico, Rogério Duarte. Continuamos a publicar gente que já publicávamos em *O Metropolitano* a que se acrescentavam jovens intelectuais como Rui Mauro Marini, por exemplo. Tive muita sorte em estar tão bem acompanhado.

Eduardo Raposo – A disciplina de Teoria Geral do Estado era um curso, talvez o único curso da Faculdade Nacional de Direito, que se aproximava um pouco da Ciência Política...

Cesar Guimarães – Não era o curso que contava. Era Hermes Lima. Era o diálogo com esse notável intelectual. Era o prazer de ouvir suas aulas. Com seu anticlericalismo um pouco tardio, sua erudição, o calor de seu ensino. Ainda na faculdade havia Evaristo de Moraes Filho, havia as conferências de Santiago Dantas de quem não fui aluno infelizmente. Eram brilhantes. Como era Vieira Pinto em suas conferências no ISEB. Na minha geração, Antonio Carlos Peixoto era capaz de falar sem uma anotação, com absoluta racionalidade e sequência lógica por uma hora ou mais sobre a Europa ou América Latina. Dons da genialidade.

Eduardo Raposo – Tudo no bairro de Botafogo, aqui no Rio de Janeiro.

Cesar Guimarães – Ali muito especialmente por conta do ISEB e por conta do CLACSO que tinha uma bela biblioteca, e do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e da Fundação Getúlio Vargas, por falar em bibliotecas. Havia como ler sem muita orientação, mas lendo.

Eduardo Raposo – O antigo IUPERJ era localizado na Rua Paulino Fernandes, também em Botafogo.

Cesar Guimarães – Esta experiência vem mais tarde.

Ricardo Ismael – Cesar, de que forma ocorre sua aproximação com o campo científico das Ciências Sociais *stricto sensu*, especialmente com a área da Ciência Política?

Cesar Guimarães – O autodidatismo, a breve passagem pelo ISEB em 1963, as primeiras experiências de ensino na PUC, que foram na Sociologia. No sentido estrito, a Ciência Política virá com o IUPERJ. Ali me tornei o que sou, um professor, um divulgador sério do conhecimento sem diluições ainda que não um criador.

Ricardo Ismael – Mas sua atuação no mundo acadêmico esteve associada, de alguma forma, à teoria política clássica e moderna, ao pensamento político brasileiro e a história das ideias.

Cesar Guimarães – Eu escrevi relativamente pouco. São minhas limitações mas também minhas alegrias e estão relacionadas com algumas dessas áreas.

Eduardo Raposo – Você está com qual idade, Cesar?

Cesar Guimarães – 72. Razoavelmente bem vividos. Um pouco autocríticos, mas enfim, isso também faz parte dos 72 anos.

Ricardo Ismael – Cesar, como foi sua trajetória profissional depois de terminar a Faculdade de Direito até seguir para os Estados Unidos, no final dos anos de 1960, para a realização de um mestrado em Ciência Política?

Cesar Guimarães – Terminado o curso de Direito, eu fico fazendo não sei bem o quê. Até que um grande amigo, que também fora de *O Metropolitano*, Roberto Pontual foi para um cargo de direção do MEC e me chamou para participar da Divisão de Atividades Extracurriculares que mantinha vínculos com o movimento estudantil.

Werneck Vianna – O Roberto Pontual estava lá.

Cesar Guimarães – Sim, o Roberto estava no MEC e muito ativamente. A esta altura o Ministério mantinha um amplo programa de alfabetização, vinculado ao Betinho, com enorme participação de jovens universitários.

Werneck Vianna – Isso dá um grupo de jovens.

Cesar Guimarães – De fato. Uma convergência de jovens dos mais diversos setores da esquerda.

Werneck Vianna – Imagino. A reforma dura.

Cesar Guimarães – Sem dúvida, e como. E eventualmente com algum radicalismo excessivo, o meu juízo, o de hoje talvez. São os anos de polarização, 62, 63 e 64. No Estado da Guanabara, Carlos Lacerda era o governador. Eu diria que algumas das violências da ditadura foram antecipadas aqui desde 1961 quando da tentativa de impedir a posse de João Goulart.

Werneck Vianna – Aí você chega às Ciências Sociais? Tantos eram caminhos possíveis.

Cesar Guimarães – Em 1963, Wanderley Guilherme dos Santos, que assumira o departamento de Filosofia do ISEB convidou-me para ser um de seus assistentes. A ideia era nos dedicarmos a um programa de estudos do pensamento social e político brasileiro. Eu fazia levantamentos. Comecei pelos 30, a ler Azevedo Amaral, Martins de Almeida, Francisco Campos, aquela geração. Foi uma bela experiência, interrompida pelo golpe de 1964, que fechou o ISEB. Contudo e ainda antes e por razões de ordem pessoal que não importam aqui, eu não queria ficar no Rio de Janeiro. Há pouco se criara a Universidade de Brasília e eu iria para a Sociologia, a convite de Rui Mauro Marini. Dali para uma formação na França. Esse era o projeto. Sobrevindo o golpe, lá se foi o MEC, lá se foi o ISEB, lá se foi o projeto Brasília.

Ricardo Ismael – Cesar, você conheceu o Wanderley Guilherme dos Santos em que circunstâncias?

Cesar Guimarães – Em *O Metropolitano*, para variar. Ele escreveu muitos artigos, vários artigos. Por vezes em coautoria com o saudoso Carlos Estevam Martins sob o pseudônimo de Carlos Guilherme. Provocaram não poucas, interessantes e até divertidas polêmicas, particularmente com Gustavo Corção.

Werneck Vianna – Trabalhando com o Wanderley Guilherme dos Santos, você foi ser...

Cesar Guimarães – Assistente de pesquisa, como disse.

Werneck Vianna – Mas vai ter desdobramentos essa relação.

Cesar Guimarães – Sim, vai haver desdobramentos.

Werneck Vianna – Ai nós estamos em que ano? Ainda estamos em 1963?

Cesar Guimarães – Estamos em 1963.

Werneck Vianna – E a virada para 1964? Essa sua excitação então em relação às Ciências Sociais instiga você?

Cesar Guimarães – É, eu acho que vou persegui-la de alguma maneira. Mas o que eu queria era persegui-la daquela maneira específica, ir para França, ficar na Universidade de Brasília, não foi o que aconteceu.

Werneck Vianna – E o que aconteceu?

Cesar Guimarães – Em 1965 eu fui pedir um emprego no que já se chamava IUPERJ. Não existiam os cursos, era um gabinete de pesquisa dirigido por Candido Mendes, esse notável intelectual que fora do ISEB e lá me conhecera, e que me acolheu. Era um conjunto de pesquisas de mercado, com que também aprendi muito, inclusive a sobreviver por algum tempo, até que Candido Mendes criou o programa de pós-graduação em Ciência Política do IUPERJ. O mestrado se inicia no segundo semestre de 1968. Em setembro, fui para os Estados Unidos, com bolsa da Fundação Ford para doutorado. Fiz o mestrado na Universidade da Califórnia, Los Angeles, de onde me transferi para a Universidade de Chicago.

Werneck Vianna – 18 Brumário?

Cesar Guimarães – Não. Um trabalho sobre 18 Brumário foi escrito já em Chicago porque o Departamento o exigiu para confirmar o mestrado da UCLA. Foi bom escrevê-lo, mas tomou-me tempo necessário a outras atividades.

Ricardo Ismael – Mas só para entender, nesse momento que você vai morar na Califórnia, nos Estados Unidos, você já estava vinculado ao IUPERJ e sua intenção era retornar para essa instituição depois de concluir seus estudos?

Cesar Guimarães – Essa é a ideia. Aliás, este era um compromisso assumido com o IUPERJ e com a Fundação Ford, que concedeu a bolsa.

Werneck Vianna – O Wanderley Guilherme dos Santos vai nessa época também, não é mesmo? Vai em 1967?

Cesar Guimarães – Ele vai em 67, e eu vou em 68. Ele vai para a Universidade de Stanford e eu vou para a UCLA.

Werneck Vianna – Então vocês dois não participaram do primeiro ano da pós-graduação do IUPERJ?

Cesar Guimarães – Não, só à distância. No meu caso eu só vim a participar do corpo docente em 1972. O primeiro coordenador acadêmico do programa foi Bolivar Lamounier, que esteve entre nós por algum tempo.

Werneck Vianna – Qual é a sua tribo brasileira lá? Dos estudantes nas universidades? Existia uma tribo, não é mesmo?

Cesar Guimarães – Mais ou menos. Em Los Angeles me senti muito isolado, mas me dei muito bem, foi muito rápido, acabou a primeira fase. Passei para o doutorado, mas Anamaria Ribeiro Coutinho, minha companheira, queria estudar Psicologia, mas não no

departamento excessivamente behaviorista da UCLA. Então consegui uma transferência para Chicago através do professor Philippe Schmitter. Mas lembre-se que estamos em 1968, 1969. Que eu vivia em um enorme campus da Universidade da Califórnia. Uma vida efervescente. Costumo dizer que vivi uma outra Democracia na América.

Werneck Vianna – Qual?

Cesar Guimarães – Daqueles jovens, daquele movimento de mulheres, aquele movimento de negros, aquele movimento de minorias sexuais. Da resistência contra a guerra ao Vietnã. Das minhas leituras constavam coisas como o jornal dos Black Panthers, ou a imprensa feminista, em paralelo à Ciência Política canônica, que não chegava a me entusiasmar. Em geral, o estudante estrangeiro, particularmente o do Terceiro Mundo era alocado em Política Comparada, na época a arte de comparar o seu próprio país com um paradigma de democracia que consistia em abstração teórica da sociedade americana em funcionamento. Digamos que a Ciência Política nessa época exercia nos Estados Unidos o papel que a Antropologia exerceu no século XIX com a ocupação da África. Grandes antropólogos sem dúvida, mas o contexto está inscrito em sua obra.

Eduardo Raposo – Você tinha dito, Cesar, que no início do IUPERJ existia alguns nomes como o seu próprio, o do Bolívar Lamounier, Amaury de Souza.

Cesar Guimarães – Trabalhei com eles.

Werneck Vianna – O Amaury de Souza vai depois, não é mesmo?

Cesar Guimarães – É, vai um ano depois.

Eduardo Raposo – Tinham outros nomes, ou era esse o núcleo de referência?

Cesar Guimarães – Havia outros, mas a memória me falha e me fará injusto. Carlos Hasenbalg virá da FLACSO para pesquisa e ensino e vai ligar-se à Sociologia, criada posteriormente. Há a presença de Simon Schwartzman, de Edmundo Campos Coelho e há certamente Wanderley em seu papel de liderança institucional.

Ricardo Ismael – O IUPERJ nasceu e ganhou vitalidade com vínculo a Universidade Candido Mendes, uma instituição de ensino superior privada. As Ciências Sociais no estado do Rio de Janeiro nascem com que características?

Cesar Guimarães – Nascer é um verbo forte. O que nós chamamos de Ciências Sociais é algo derivado da Ilustração e da criação do conceito de sociedade. Bem sabemos quão mais antiga é no sentido estrito a ideia de Política e de História. Agora bem e voltando ao nosso caso. O que ocorre na ocasião da criação do IUPERJ é o aprofundamento da pesquisa empírica, sistemática e de metodologia frequentemente quantitativa. Essa mudança se dá também no Departamento de Ciência Política de Minas Gerais. De onde nos vêm tantos colegas e alunos que se tornaram colegas.

Eduardo Raposo – Como o Fábio Wanderley Reis.

Cesar Guimarães – E Antônio Otávio Cintra. E Vilmar Farias que também trabalhou

no IUPERJ. Alguns desses colegas já tinham formação no Chile, na FLACSO, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, que nessa ocasião tem forte orientação empírica. Talvez seja justo lembrar que a inclinação empírica das Ciências Sociais, ainda que não de forma sistematicamente quantitativa já ocorria em São Paulo. É justificada e legitimada, por exemplo, por *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, de Florestan Fernandes. E já no Rio havia não poucas incursões em pesquisas de forte viés quantitativo ainda que mais ligadas à Sociologia. A Ciência Política adquire novos rumos, é verdade mas é preciso, ao ressaltar a boa nova, também contextualizá-la.

Entrevistadores – Sim, seria importante.

Cesar Guimarães – Já tínhamos excelente tradição de reflexão política. Bela tradição, quer no período imperial, quer no período republicano. Não se inventou a roda na minha geração, nenhum de nós acha isso. Ocorre que, com a formação nos departamentos nos Estados Unidos nos anos 60 coincide com a revolução comportamentalista, vale dizer a adoção de métodos que a Sociologia já utilizava, quantitativos de especial, e o simultâneo abandono de um institucionalismo jurídico muito próprio da Ciência Política em sua denominação originária, que é francesa. A presença francesa continua a ser importante no Brasil, de especial na USP, assim como, é claro a tradição marxista. Estas correntes um pouco que se mesclam mas na Ciência Política a nova orientação vai predominar; em pouco, a própria USP estará criando seu Departamento de Ciência Política.

Ricardo Ismael – E onde é que entra o Candido Mendes?

Cesar Guimarães – Entra como fundador do IUPERJ.

Ricardo Ismael – Eu sei. Mas tem uma diferença muito grande entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro foi uma instituição privada, quer dizer, não aconteceu o apoio de uma instituição pública federal na criação de um programa de pós-graduação.

Cesar Guimarães – O programa lá era da UFMG, mas o apoio era da Fundação Ford, da mesma maneira.

Ricardo Ismael – Perfeito! Mas por que a IUPERJ, e não a UFRJ, ou entra instituição pública (federal ou estadual) no estado do Rio de Janeiro?

Cesar Guimarães – Porque possivelmente o professor Candido Mendes teve a iniciativa mais rápida. Mais importante talvez porque a Faculdade Nacional de Filosofia, onde residiam as Ciências Sociais, fora objeto de toda a sorte de perseguições da ditadura. Era preciso encontrar um espaço em que a liberdade de reflexão não tivesse tão exposta à repressão cotidiana.

Ricardo Ismael – O IUPERJ nasceu tendo uma relação próxima com a Ciência Política norte-americana, não é isso?

Cesar Guimarães – Sem dúvida.

Ricardo Ismael – Todo o primeiro corpo docente do IUPERJ, na área de concentração “Ciência Política”, faz sua formação, seu doutoramento nos Estados Unidos.

Cesar Guimarães – É. Esse primeiro grupo sem dúvida. E depois a Sociologia, com Edmundo Campos, Neuma Aguiar, Carlos Hasenbalg, a que logo se juntarão Elisa Reis e Luiz Antônio Machado. Na Política chegam ainda na primeira metade da década de 70, Renato Boschi e Olavo Brasil, a que se acrescentará Maria Regina Soares de Lima. Eli Diniz, que não se formou nos Estados Unidos, creio que já ensinava nessa época. Sabe-se lá que injustiças a memória me faz cometer. Em 1980, com o doutorado, o grupo vai crescer muito, vai duplicar, com novos quadros. Agora lembre-se que eu disse ser um produto das circunstâncias, que não teria ido para os Estados Unidos como primeira opção. Mas resultou interessante, ainda que o doutorado não fosse completado. Uma de mais uma de minhas fugas à disciplina escolar consistia em que em Chicago, eu lia mais os autores do departamento de Economia do que os de Política. Acho que aprendi muito com o pensamento conservador daquela economia. Entre outras coisas aprendi a ficar mais à esquerda.

Eduardo Raposo – Os verdadeiros liberais, não é mesmo?

Cesar Guimarães – Liberais em economia. O termo liberal, como é sabido, tem um sentido muito próprio nos Estados Unidos usado pejorativamente pelos conservadores contra os defensores fortes dos direitos civis e que por vezes estão próximos da socialdemocracia. Socialdemocracia residual que é o sempre houve por lá, com guerra à pobreza e programas assemelhados inspirados no New Deal e fortalecidos no governo Lyndon Johnson. O liberalismo econômico é outra coisa, vincula-se ao conservadorismo político e inspira o que há de pior na política e na orientação econômica não só americana como em termos globais.

Eduardo Raposo – O Mário Machado e o Alexandre Barros passaram pelo IUPERJ também?

Cesar Guimarães – Sim, ambos passaram.

Eduardo Raposo – Eu fui aluno dos dois.

Cesar Guimarães – Ambos passaram e foram meus colegas em Chicago, facilitando a minha estadia no Departamento.

Ricardo Ismael – Cesar, quais são os primeiros cursos que ministrou no IUPERJ ?

Cesar Guimarães – Ao chegar, eu fiquei encarregado do curso inicial de Teoria Política. Naquela época nós começávamos com Maquiavel, temo que reificávamos a modernidade no uso dos termos em que ela se expressava. Mas era assim e me agradou muito dar o curso e por muito tempo. Meu segundo curso ainda em 72 foi sobre autoritarismos comparados. Os estudantes eram levados a ler sobre Portugal, Espanha, Grécia, algo sobre o nazismo e fascismo, coisas assim. O curso inspirou algumas teses sobre experiência mais próxima...

Werneck Vianna – Dois interesses em pergunta. Uma, sobre você e seus estudantes, a orientação, que é uma atividade forte. E outra, é a respeito de você a política agora, sobre sua adesão socialista, como você a caracteriza, e como é que você situa a disciplina que você está vinculado, a Ciência Política, ao mundo de hoje, especialmente visto da perspectiva brasileira. Tinha esses dois blocos.

Cesar Guimarães – Começar por onde?

Werneck Vianna – Primeiro os estudantes.

Ricardo Ismael – Fui contemporâneo no IUPERJ de vários orientandos seus, que falavam com admiração do professor que refletia e discutia como poucos sobre a história das ideias, o pensamento político brasileiro ou a história política desse país.

Cesar Guimarães – Nós éramos poucos, como eu não tinha uma especialidade canônica acolhia estudantes os mais diversos. Nossas idades eram mais próximas, é claro. Até porque havia uma demanda reprimida por mestrado e doutorado. Na época, reprimida em mais de um sentido. Acolhendo pessoas muito diversas como orientador, adotei duas diretivas: seja plausível, por favor; e eu não quero saber se você pensa como eu. Havia uma coisa didática em mim e sempre foi assim, um interesse forte em orientar, o que resultou em ter muitos orientandos.

Werneck Vianna – Quantos orientandos você tem hoje, Cesar?

Cesar Guimarães – De doutorado, nesse momento, dez.

Werneck Vianna – De mestrado e doutorado?

Cesar Guimarães – De mestrado um só, porque eu não estou aceitando mais. Mas são 10 de doutorado. Três ou quatro defendem neste semestre, eu espero. Os temas são os mais diferentes, como de hábito.

Eduardo Raposo – Desse início de orientação, desse início de atividade didática até os dias atuais, o tipo de aluno, do ponto de vista social, se modificou muito?

Cesar Guimarães – Sim, mudou a idade. Não é que eu fiquei mais velho, isso é elementar, o fato é que mudou a idade dos estudantes. Aquela demanda reprimida dos anos 70 e início dos 80 foi atendida. Eram nossos colegas e foram para onde tinham que ir, para as mais diversas partes do país, para as universidades do Rio de Janeiro, em todo lugar. Nas federais, nas estaduais, nas particulares, aqui na PUC. A instituição era pequena mas hoje tem formando seus em toda a parte. A partir dos anos 90 as coisas se fazem diversas. Os estudantes que como se diz passam direto, vêm da graduação para fazer o mestrado e imediatamente um doutorado. Normalização comum em outros países, em países avançados. Isso é uma coisa positiva, que vem democratizando o acesso à pós-graduação, eu gostaria que fosse mais amplo ainda. Quer dizer, a reflexão social deixou de ser algo que muito embora frequentemente brilhante, pertencia a uma elite muito restrita. Passou-se a um mundo previsto,

interessantemente, pelo Círculo de Viena, pelo positivismo lógico. Qual era a ideia? Se você tem um método correto, qualquer um pode se tornar um cientista. Isso é bem diverso de um olhar que supõe uma intuição própria, uma formação própria, uma hermenêutica para usar a palavra correta, para intuir significados – é outro olhar, que muito me agrada. Mas que não tem o aspecto universalista que o Círculo de Viena tinha por ideal. De passagem, eu não tenho muito a ver com a substância das reflexões do Círculo de Viena e de muito da filosofia analítica subsequente. Mas este não o ponto. Mas acaba que eu não sei se respondi a sua pergunta, acho que sim, pelo menos no que se refere à escolha de meus orientandos.

Eduardo Raposo – Sobre seu socialismo, o Werneck estava perguntando sobre isso.

Cesar Guimarães – Ok.

Werneck Vianna – Não precisa responder.

Cesar Guimarães – Mas acho que gostaria. Minha impressão é que o muro caiu sobre uma experiência perempta. E que não há de repetir-se de forma alguma. O comunismo que existiu, o socialismo realmente existente acabou definitivamente. A Socialdemocracia se fragilizou em consequência e as reformas assim chamadas neoliberais fizeram do mundo global um espaço capitalista. Boa previsão de Marx. Também é boa aquela que nos diz que a forma mercadoria permeia todas as atividades humanas de maneira cada vez mais profunda. São boas previsões.

Eduardo Raposo – As melhores são essas?

Cesar Guimarães – Suponho que sim. O que não é mercantilizável hoje? Tomemos o conceito de cidadania. Se alguém me diz que consumir é ser cidadão, eu estranho. Não entendo. Consumo é cidadania? Consumo é consumo, tem a ver com o mercado, enquanto a cidadania tem ou tinha a ver com a luta contra os efeitos de mercado por parte dos oprimidos. No plano político, chegamos a qualquer coisa como uma democracia possível, algo sobre o que Fukuyama teorizou. Nesse momento, o futuro é a reiteração do presente, só que, nessas circunstâncias, democracias liberais de massa dependem de desempenho, de criação de pequena mas forte classe média, enquanto é crescente a desqualificação do “Resto”. Se advêm crises que deixam a nu as desigualdades crescentes, como governá-las de forma democrática? Como é sabido, a crise está entre nós, em qualquer parte do mundo. Má previsão de Marx: trata-se da antessala da revolução. Não. Na realidade, é a porta aberta para a violência direitista de todos os tipos, econômica, política, social, cultural, militar. Em termos de esquerda, eu venho pensando na noção de dignidade para Kant e de sua relação com a ideia de autonomia. É claro que traio Kant: sugiro que ter suas chances de vida dependentes de outrem, patrão ou Estado, é perder a dignidade e a dignidade passa a ser, portanto, uma chave conceitual para uma reflexão de natureza comunista que certamente toma empréstimos a muitas matrizes, inclusive ao marxismo. Não me oponho a todas as noções de reformismo forte, inclusive a que passa pelas transformações moleculares a que Werneck Vianna vem se referindo em sua obra, mas, iludido talvez, mantenho que é

possível conceber uma noção de esquerda que não abandone o socialismo e o comunismo. Há sempre a questão do sujeito. Quem o fará? Ah, se eu tivesse essa resposta.

Ricardo Ismael – Gostaria de retornar a sua atuação profissional. Você esteve por aproximadamente oito anos aqui na PUC-Rio, como professor associado do Departamento de História, tendo a oportunidade de coordenar um laboratório de Teoria e Historiografia no período de 1992 a 1995.

Cesar Guimarães – Deixe-me contar a história da PUC de uma vez, afinal estou aqui. Em 66, eu substituí um colega e dei meu primeiro curso na PUC. Era Sociologia do Conhecimento. Mannheim me persegue não é verdade? Ele foi repetido em 67 e em 68 eu viajei. Ao voltar tive uma passagem curta como horista e dei um curso sobre Teoria das Elites. Na Sociologia, sob a direção de Manuel Diégues Júnior.

Werneck Vianna – Isso também é um clássico teu.

Cesar Guimarães – É verdade, eu reúno sobre esse tópico autores tão diversos como Pareto e Lênin, mas foi apenas um semestre e o primeiro intento de formular o curso que vim a repetir no IUPERJ. Voltando à PUC, eu passei também pelo incipiente, hoje totalmente diverso mestrado em Direito, onde ensinei Teoria Política. Posteriormente, em 1986, convidaram-me para uma experiência bem mais densa no departamento de História. Criava-se a pós-graduação e adotava-se um olhar interdisciplinar em que um cientista político talvez tivesse espaço. Eu aceitei o convite. Como foi importante trabalhar com Francisco Falcón, Ricardo Benzaquen de Araújo, Berenice Cavalcante, que foram os responsáveis pelo convite, sem esquecer Marcelo Jasmin que ainda não se doutorara e que veio a ser no futuro meu colega também no IUPERJ. Talvez eu tenha vindo ensinar alguma coisa. Na realidade, eu aprendi história no departamento de História, especialmente no que alguns historiadores acham de pouca importância, a área de teoria e historiografia. Também reaprendi a dar aulas na graduação, achei-me na situação estranha de dar aula sobre a Revolução Francesa em 1989! Havia tempo na ocasião. A pressão aqui e alhures era menor. Então se criavam certas atividades paralelas como o laboratório, o seminário de teoria e historiografia que reunia professores e alunos e que fiquei encarregado de organizar. Lemos Kant, lemos Hegel, lemos Weber, lemos Dilthey, lemos textos inteiros de pensadores da história, que para mim, o eram também da política. Para minha formação, a experiência foi decisiva quando retornei plenamente ao IUPERJ era outra cabeça e meus cursos nunca mais foram os mesmos. Sim, eram de Política, mas sem esquecer a História jamais.

Eduardo Raposo – Eu estou enganado, mas você quando deu algumas vezes o curso sobre elites políticas no IUPERJ você dava Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Lênin?

Cesar Guimarães – Sim como já observei. O que era a vanguarda senão a elite com outra denominação. As intenções do autor são intenções do autor o que lemos neles é nossa interpretação e dessa forma cabia juntar esses autores. Estou farto de saber que as in-

tenções eram diversas, mas neste caso intenções valem menos do que implicações teóricas e consequências práticas.

Ricardo Ismael – César, antes de encerrar, seria interessante abordar suas atuais atividades de pesquisa no IESP/IUPERJ, em particular seu interesse em estudar a política externa norte-americana no período recente (governo Bill Clinton e George W. Bush).

Cesar Guimarães – Tenho algum interesse na política externa dos Estados Unidos no período posterior à Guerra Fria. E na política externa o que me importa é a assim chamada grande estratégia. Os Estados Unidos nunca tiveram rivais poderosos nas suas fronteiras e a Guerra Fria propiciou uma projeção externa de poder, que por sua vez era fundada em grande coesão interna, o consenso popular. Depois do Muro como manter uma atividade de natureza imperial. Quem é o inimigo, o terror? Vem funcionando apenas em parte, ainda que tenha entrado na agenda do estado norte-americano. Então esta velha questão de que o inimigo externo propicia a coesão interna é o que mais me importa, mais do que a temática canônica das Relações Internacionais. Por isso os artigos já escritos e os que eventualmente estão por vir.

Ricardo Ismael – E o IESP/UERJ tem uma linha de pesquisa na área de Relações Internacionais?

Cesar Guimarães – Sim, com minha notável colega Maria Regina Soares de Lima, e agora também com Carlos Milani, pesquisador incansável.

Ricardo Ismael – Como é que você avalia essa questão de um certo tipo de intelectual, como os exemplos de Werneck Vianna, de Wanderley Guilherme dos Santos, de você mesmo, que estão sempre dialogando com a conjuntura política? Continua sendo importante que os intelectuais se debrucem sobre essa coisa que é tão fluida, tão imprecisa que é a conjuntura política brasileira?

Cesar Guimarães – Não me compare aos meus maiores. Porque é impossível não fazê-lo, há aqueles que são competentes nisso e o fazem de maneira precisa e sistemática. Quantos são os livros que amealham as análises de conjuntura de Werneck Vianna? Eu não tenho os números na cabeça. Bom, há outros que o fazem de outra forma. No caso desses dois colegas isso não ocorre, mas há sempre o perigo do profissional acadêmico, na sua posição não de profissional acadêmico, mas de intelectual, que fala para o público em geral de valer-se do argumento de autoridade para validar seus argumentos. É risco grave e contudo é impossível fugir ao envolvimento na conjuntura política se você estuda política. É impossível desde que existe política. De minha parte, eu, que relativizo tudo, preocupo-me antes de mais nada com a explicitação clara de nossas preferências teóricas, intelectuais, metodológicas, tanto quanto com nossas inclinações políticas. Com certezas, por vezes. Mas nunca com dogmas.